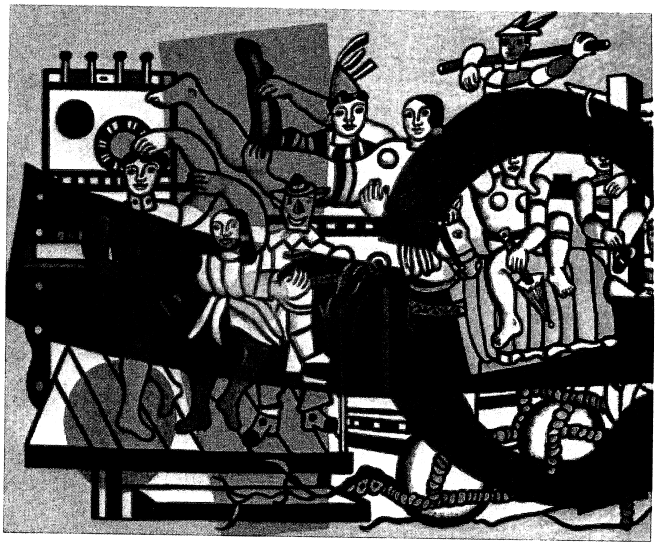
Palestina laica, democrática e não-racista

Reivindicação democrática que pode abrir caminho à revolução operária (*)



LEGER

NAHUEL MORENO

A presente carta foi escrita por Nahuel Moreno em setembro de 1982, respondendo à carta de um companheiro chileno que discutia a validez das palavras de ordem propostas pela LIT-QI durante a invasão do Líbano por Israel em 1982 para perseguir a Organização para a Libertação da Palestina – OLP. Concretamente, o companheiro questionava a validez da bandeira "Por uma Palestina laica, democrática e não racista". A resposta de Moreno esclarece a importância que a LIT-QI dá a tal palavra de ordem, hoje colocada em toda atualidade pelo levantamento palestino nos territórios ocupados de Gaza e Cisjordânia.

(*) Publicado em março de 1988 no **Correo Internacional** nº 32.

Nahuel Moreno, dirigente trotskista argentino, morto em 1987

Estimados companheiros:

Recebemos sua carta de 31 de julho com perguntas "diretas" e críticas, implícitas e explícitas, com relação a nossas posições sobre o Oriente Médio. A chave de nossas diferenças, inclusive em relação ao método para abordar o problema, está em sua afirmação que a política e palavra de ordem "Palestina laica, democrática e não racista" são burguesas e só podem ser apoiadas "se

surgir um estado com estas características, em luta contra o sionismo e o imperialismo".

Por outro lado, nossas diferenças ficam mais precisas quando, ao final da carta, afirmam que "naturalmente" concordam conosco "na caracterização da guerra do Líbano, nas reivindicações centrais antiimperialistas e em ter como eixo a destruição do estado sionista". E também quando aprovam nossa palavra de ordem "ordenadora" de apoio militar à OLP e às tropas sírias.

De modo que, numa primeira aproximação, as diferenças parecem ser meramente táticas. Segundo vocês, estaríamos completamente de acordo no "eixo" e na "base", que seria a "destruição do estado sionista", e vocês ressaltam seu desacordo no que se haveria de construir "depois": para nós, seria a reivindicação "burguesa" de um estado palestino, laico, democrático e não racista; para vocês, em troca, a palavra de ordem que consideram "de transição" e "clássica do trotsquismo": assembléia constituinte palestina sobre base da destruição do estado sionista. Veremos que não é assim.

Quem o destrói?

Ao formular esta primeira pergunta, logicamente derivada de nosso acordo principista, começam as profundas diferenças de método, que depois se refletem nas políticas e bandeiras. Se o objetivo decisivo e fundamental é a destruição do estado sionista, trata-se de estabelecer quais são as forças objetivas que neste momento estão jogadas nesta tarefa progressiva, histórica, e quais são as melhores palavras de ordem para apoiá-las e conseguir que cumpram sua função com o maior entusiasmo e força.

Acaso o estão fazendo os explorados e discriminados sabras e sefaradis de Israel? Ou são os trabalhadores asquenazis[1]?

Neste momento, estas forças são um sustentáculo do estado sionista e não a vanguarda de sua destruição. A aristocracia operária azquenazi, através do Partido Trabalhista, apóia com tudo o sionismo. Os sabras e sefaradis são a base eleitoral de Begin e apóiam com entusiasmo seus planos de colonização das terras árabes.

Isto faz do movimento árabe e muçulmano o único setor social atualmente em luta permanente contra Israel, em cuja vanguarda indiscutível estão os palestinos, expulsos de sua pátria pelos sionistas. Faz 34 anos, quando o estado racista foi construído, que a forma de lutar pela sua destruição é apoiar a guerra justa dos palestinos e muçulmanos. Não vemos outra, porque não há outra força na realidade objetiva que enfrente, com armas nas mãos, o sionismo.

Como trotsquistas, devemos tratar de achar, portanto, as palavras de ordem adequadas a esta realidade objetiva, isto é, que ajudem à mobilização a ao combate árabe. Esse é nosso método, mas não o de vocês.

Palavra de ordem para cumprir a tarefa ou para depois de cumprida?

Quando nossas diferenças metodológicas se concretizam em reivindicações distintas, surge o novo problema sobre o papel e o lugar que elas devem

desempenhar na luta. Quando e para que se deve utilizar uma palavra de ordem?

Se nos guiarmos pela sua – *constituinte palestina* – seria utilizada para depois de cumprida a tarefa "base". Não é para ajudar a cumpri-la melhor, mas para resolver um problema posterior a ela, neste caso, a que surgiria depois da destruição do estado sionista.

Essa metodologia foi definida por Trotsky como a dissolução do concreto no abstrato e na futurologia. De fato: vocês estão dissolvendo o concreto, que é a luta muçulmana e palestina para destruir o estado fascista, racista e baseado no Velho Testamento, na abstração futurológica de que, uma vez que o estado seja destruído, chamarão seus habitantes atuais, que são sionistas e maioria absoluta sobre os palestinos, a uma constituinte para discutir a reorganização do país, dando a cada um deles o direito de um voto, igual aos palestinos.

Nós, por outro lado, cremos que a palavra de ordem deve estar a serviço da tarefa, neste caso, da destruição do estado israelense. Não para dar uma resposta à problemática posterior a essa destruição, mas para mobilizar os palestinos. E menos ainda quando a abstração futurológica é completamente reacionária.

Sua palavra de ordem não serve para que os únicos agentes atuais da destruição do estado sionista tenham cada vez mais audácia e coragem, mas vai contra esse objetivo. A *assembléia constituinte palestina,* consciente ou inconscientemente, serve hoje ao sionismo, é complacente com ele, e é a causa pela qual Lambert a levanta, mas não todo o trotskismo e muito menos o revolucionário.

A armadilha do apoio envergonhado

Um dos problemas básicos da guerra que, sob diversas formas, desenvolve-se há 34 anos, é a disputa sobre quem tem direito de permanecer em Israel. Ou seja, se os sionistas vão continuar ou não, se o enclave imperialista apoiado nos judeus permanecerá ou será destruído. Os palestinos dizem e lutam para que os sionistas – e os ocupantes que chegaram para fortalecer o enclave – se vão.

Se o enclave permanecer, isto é, se Israel ganhar a guerra, pode adotar distintas formas. Pode vir a assimilar uma minoria palestina colaboracionista e permitir-lhe alguns direitos; inclusive - porque não? - os eleitorais. Mas se for destruído pela guerra palestina significará que os sionistas saiam de Israel e, com eles, quem lhes dá sua base social e política. Esta bandeira: fora os sionistas de Israel é a decisiva, a que dá conteúdo à nossa formulação de destruição do estado sionista. Não há outra maneira de destruir o estado sionista se não for expulsando os sionistas. Que classe de destruidores do estado sionista somos, se nossa bandeira principal for a de permitir que os sionistas ganhem ou participem da eleição para uma assembléia constituinte, pela qual nos comprometemos a lutar junto com eles e contra os palestinos, pois estes não consideram válido o voto dos sionistas?

A assembléia constituinte palestina depois da destruição do estado sionista é precisamente a maneira envergonhada de apoiar os sionistas e validar sua presença, dando um verniz "democrático" à sua usurpação fascista.

Se for insinuado que essa constituinte se faria com a população judia não sionista, já foi contestado implicitamente antes. Estes habitantes imaginários não existem. Se o proletariado judeu vier a romper com seus aparatos sionistas (o que nós incentivamos), deveríamos estudar a melhor maneira de combinar isso com a luta palestina. Mas isso é música para o futuro.

Em sua carta há um erro teórico que conduz à política de assembléia constituinte, apesar de que, como já vimos, não servir para mobilizar os palestinos e ser pró-sionista. Vocês crêem que é "de transição" e por isso superior à nossa, que é burguesa.

Isso é falso. É uma palavra de ordem estritamente burguesa, tão burguesa quanto a nossa. Nenhuma das duas tem um só elemento classista. A constituinte é uma exigência democrática burguesa, que não se baseia em classes, mas em cidadãos. A cada habitante, um voto. É a máxima expressão do direito político burguês.

Como toda reivindicação, independentemente de sua origem histórica, pode desempenhar um papel transicional progressivo, regressivo, revolucionário ou contra-revolucionário, que depende do contexto.

Por exemplo, é criminosamente contra-revolucionária em todos enclaves coloniais, por isso é usualmente empregada pelo imperialismo para defendê-los. Nós não reconhecemos nenhum direito democrático burguês aos habitantes dos enclaves enviados pela metrópole. Quando ocuparmos Guantánamo, não defenderemos uma constituinte com igualdade de direitos entre os cubanos e os colonizadores da base. Nossa palavra de ordem é, desde já, fora americanos de Guantánamo, a mesma que temos em Israel.

Em Israel, atualmente, a constituinte é igualmente contra-revolucionária. Somente poderíamos levantá-la de forma ultrapropagandística - que não serviria para nada -, precedida de uma longuíssima explicação dizendo que somente se realizará se e quando todos os judeus sionistas, fascistas, racistas e que não querem conviver com os árabes forem expulsos de Israel.

Se isto não for esclarecido devidamente, ou se for dissolvida numa fórmula abstrata como a da destruição do estado israelense, sem explicitar que essa destruição implica, obrigatoriamente, a expulsão de seus habitantes atuais, esta palavra de ordem significa aceitar o fato consumado da ocupação judia de Israel e dizer que a partir de agora seremos todos democráticos, inclusive os fascistas.

Por que a direção da OLP a abandona?

Por outro lado, a bandeira burguesa e não classista de *Palestina laica, democrática e não racista,* além de ser a mais progressiva que o movimento palestino levantou, pode abrir caminho à revolução operária. Em outra situação poderia tornar-se contra-revolucionária, mas hoje cumpre um papel preciso, equivalente a *fora americanos de Guantánamo,* ou *fora sionistas de Israel,* que é o que efetivamente significa o *"não racista"* da fórmula. E isso nos parece muito bom: que os racistas judeus sejam expulsos da Palestina. E no dia de amanhã, também os racistas árabes. Mas amanhã, não hoje. Porque hoje o racismo árabe frente a Israel é progressivo, destrói o estado sionista.

Esta bandeira é tão boa que, à medida que os dirigentes da OLP e do movimento árabe tornam-se cada vez mais reacionários, a abandonam e, com ela, a linha política de destruir o estado israelense, para aceitar a criação de um estado palestino em algum lugar do Oriente Médio.

Nós ficaremos sozinhos defendendo a bandeira mais apreciada e avançada do povo palestino. Não é ficar com um "espólio" burguês ou pequeno-burguês. Insistimos que o papel de cada palavra de ordem depende do contexto em que é utilizada. Neste sentido, é bom recordar a tática que Trotsky aconselhou depois que Hitler tomou o poder. O Velho aconselhou estudar a possibilidade de se defender a convocação do parlamento que elegeu Hitler, com a qual se poderia tentar que a pequena-burguesia rompesse com o fascismo e se unisse ao proletariado, através da legitimidade parlamentar. O mesmo na Áustria. Como ali a classe operária não confiava na democracia operária nem na ditadura do proletariado, Trotsky aconselhou a linha de defender a democracia burguesa com métodos de mobilização de classe.

Assim como um parlamento ultra-reacionário, a democracia burguesa ou a assembléia constituinte podem, em determinadas circunstâncias, converter-se em bandeiras progressivas ou de transição, nós acreditamos que, no Oriente Médio, a palavra de ordem burguesa que cumpre este papel é a de *Palestina laica, democrática e não-racista.*

Ela está servindo – na medida em que é abandonada pela direção da OLP – para atacá-la com um bumerangue, bem como a todos os reformistas que entram no pacto com o imperialismo, entregando-lhe a luta contra o estado sionista. Aparecemos como os únicos "democratas conseqüentes", dispostos a utilizar todos os meios de luta para destruir o estado de Israel, impondo o grande objetivo das massas árabes.

O que é a OLP?

Nossas diferenças metodológicas e políticas estão intimamente ligadas às que temos em relação à caracterização global da situação e da própria OLP. Quando vocês escrevem que *"se surgir um estado com essas características (laico, democrático e não racista), em luta contra o sionismo e o imperialismo, nós o apoiaremos. Mas não fica claro porque reivindicamos como nossa bandeira"*, demonstram que não crêem que já há uma organização laica, democrática e não racista, em guerra contra Israel e o imperialismo. No entanto, ela existe em germe desde 1948 e consolidada desde 1969, quando a OLP foi fundada.

Para nós, a chave da situação do Oriente Médio é a guerra às vezes declarada, outras não, mas permanente, do movimento árabe e especificamente palestino contra o estado de Israel. Essa guerra se expressou sob diversas formas, global ou limitadamente, com enfrentamentos entre estados – como os que foram protagonizados pelo Egito e outras nações árabes – ou com pequenas e grandes ações guerrilheiras.

Das diferentes nações e nacionalidades em guerra permanente contra Israel há uma, a dos palestinos, que quando fundaram a OLP formaram essa organização laica, democrática e não-racista, vanguarda da guerra contra o sionismo.

Devemos apoiá-la já ou esperar que ganhe a guerra, ocupe Israel, recupere seu território e, com isso, volte a conformar-se um estado, para só então apoiá-la?

Se fizéssemos isso, a apoiaríamos quando a guerra terminasse, quando nosso apoio não significaria nada e, inclusive, quando a palavra de ordem perderia seu caráter transicional.

Vocês caracterizam a OLP como se fosse mais um partido político. Para nós, representa a nacionalidade palestina como organização estatal *sui generis* laica, democrática e não racista, em guerra. É quase um estado: é uma frente única que engloba todo movimento palestino em luta para reconquistar sua pátria e voltar a ser um estado. É um governo de fato: exigimos seu reconhecimento do mesmo modo que o fazíamos pela FSLN na Nicarágua. É uma nacionalidade organizada da qual suprimiram a terra: quando a recuperarem, voltará a ser nação. É uma nação *sui generis*.

Quando vocês desconhecem essa função da OLP, considerando-a uma simples fração política dos palestinos, concedem um fundamento de "esquerda" à caracterização do imperialismo. Ele também não a reconhece como organização nacional palestina, definindo-a como uma corrente terrorista. Em troca, está disposto a negociar com personagens palestinos que ninguém conhece e, eventualmente, com os prefeitos palestinos da Judéia e Samaria, porque eles colaboram com Israel.

Sua negativa em reconhecer esse caráter de nação sui generis sem território significa ratificar a usurpação sionista e imperialista desse território e dar-lhes razão, quando sustentam que, ao ser expulsos, os palestinos deixaram de ser uma nacionalidade organizada.

Atualmente, a nacionalidade organizada palestina conta com uns 5 milhões de habitantes, divididos em dois setores: os que estão nos campos de refugiados, dirigidos pela OLP, que são a maioria, e a camada de profissionais e técnicos, a classe média acomodada em geral, a mais avançada do mundo árabe, que trabalha principalmente nos países do Golfo Pérsico. Eles não perderam sua nacionalidade palestina: são militantes e colaboram financeiramente com a OLP, que tem sedes e embaixadas em todos os países árabes e em muitas outras nações.

A OLP e seu governo

Sua caracterização sectária da OLP, na qual confundem sua totalidade progressiva com o fato de ter uma direção traidora, capituladora ou conciliadora, causa várias conseqüências. Em primeiro lugar, com relação à sua guerra histórica, vocês se parecem aos sectários que não queriam apoiar a Argentina contra a Inglaterra, por que era governada por Galtieri.

Tampouco são capazes de golpear a direção por suas verdadeiras capitulações que, ao nosso ver, se baseiam no abandono da reivindicação por uma *Palestina laica, democrática e não-racista.*

Sua crítica de que temos ilusões porque chamamos a OLP a lutar pelo socialismo tem a mesma raiz.

Sem ser esta nossa reivindicação fundamental, já que, como foi dito, ela é a recuperação da terra para reconstituir a nação, expulsando os sionistas e termi-

nando por constituir uma *Palestina laica, democrática e não racista,* nosso chamado à OLP para que lute pelo socialismo se baseia em que a consideramos uma nação sui generis. Dizemos OLP socialista como dizemos Chile socialista. Não pedimos à sua direção burguesa ou pequeno-burguesa, assim como no Chile não pedimos a Pinochet. Vocês esquecem de assinalar que, com cuidado, mas sistematicamente – como fazemos com todo governo burguês que dirige uma guerra justa -, criticamos a direção da OLP, e não lhe damos nenhum apoio político.

A mesma confusão os leva a assinalar que não agitamos a necessidade de construir partidos trotskistas na Palestina e no Oriente Médio. Certamente temos que fazê-lo desde já! Mas a primeira coisa para construí-lo é um programa concreto. Nós temos este programa: triunfo militar da OLP, apoiado nas mobilizações das massas árabes contra o sionismo, para destruir seu estado e para que os palestinos voltem, isto é, a OLP. Esse é o ponto fundamental. Junto a ele, fazer com que a OLP rompa com a burguesia, isto é, um estado palestino que rompa com as burguesias árabes e pratique a luta de classes. Isto é o que dizemos sistematicamente.

Podemos discutir qual dos dois pólos do programa devemos ressaltar, se o da ruptura com a burguesia ou o da destruição do estado de Israel. Pensamos que, se quisermos trabalhar sobre as massas árabes e palestinas, se impõe o que temos feito: a frente comum de luta contra os sionistas, dentro da qual exigimos uma nova direção. Com essa orientação trabalhamos e queremos trabalhar na OLP. Parece-nos a mais adequada, a rigor a única para construir, com seus melhores combatentes e com seus setores mais explorados, o partido revolucionário ■